

**Um passo atrás: Sade, Ilustração e modernidade**

Daniel Wanderson Ferreira\*

**Resumo:**

Contrariando uma tendência de ler os textos do Marquês de Sade em relação à emergência da modernidade, buscamos percebê-los em relação aos conflitos literários franceses postos no século XVI. Assim, diferentemente da cultura subjetivista do Iluminismo, Sade nos parece informado por gêneros literários mais próximos das percepções cosmológicas de mundo.

**Résumé:**

À l'envers d'une tendance de lire les textes de Marquis de Sade lié à l'émergence de la modernité, nous en percevons en rapport aux conflits littéraires françaises posés au XVI<sup>e</sup> siècle. De cette façon, différemment de la culture subjective de las Lumières, Sade nous paraît informé par genres littéraires plus proches aux perceptions cosmologiques du monde.

O momento da produção intelectual de Sade é um dos períodos de maior debate interpretativo na historiografia ocidental, já que seu primeiro texto foi escrito entre 1775 e 1779 e sua morte em 1814, pondo fim a uma produção ainda em atividade. É na segunda metade do século XVIII também que se efetua o corte historiográfico de entrada na modernidade, tendo como marco a Revolução Francesa, iniciada em 1789. Assim, não poderíamos nos furtar de discutir em que medida as propostas de Sade se vinculariam ao processo emergente ou ao declinante.

Os estudos realizados por Reinhart Koselleck se revelam profícuos por apontarem para uma revolução semântica nas línguas européias entre 1750 e 1850, percebendo essa transformação num sentido mais amplo. A tese subjacente a essa referência temporal seria a de que entre essas décadas a linguagem européia teria sofrido um processo de transformação tão radical, a ponto de superar os fundamentos da sociedade aristocrática. A linguagem necessitaria, então, de adaptações que lhe permitissem significar as estruturas emergentes (JASMIN *Ibid.* KOSELLECK, 2006: 10; GUMBRECHT, 1998: 10 e 28).

A perspectiva apresentada por Koselleck parte do princípio de um corte dividindo os rumos da história ocidental a partir de século XVIII. O Iluminismo apareceria, então, como o ponto desse corte, colocando-se como referência de um novo modo de ver o mundo. Ainda

---

\* Doutorando em História pela PUC-Rio. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

2

que visto como participante do processo de emancipação crescente da crítica instalada no espaço privado de sociedades em que vigiam monarquias absolutistas, a filosofia esclarecida engendraria de forma crescente uma crise, fazendo do século XVIII uma “antecâmara da época atual”. Assim, a Revolução Francesa seria uma acentuação da tensão já existente (KOSELLECK, 1999:10). O ponto fundamental da interpretação de Koselleck é que o “século do Iluminismo já é pensado assim [como uma unidade coerente e carregada de sentido] pelos contemporâneos, estando consciente, por exemplo em Voltaire, de ser diferente do século de Luís XIV” (KOSELLECK, 2006: 282).

MARQUARD (2000: 47-74) associa às essas explicações das transformações ocorridas na segunda metade do século XVIII a idéia de uma compensação, que teria se originado como resposta ao processo de hipertribunalização do homem. À medida que a compreensão da teodicéia leibniziana entra em crise, tanto se encaminha no Ocidente um processo de descrença em Deus como a idéia de que o homem engendraria por si mesmo a História. Desse modo, o homem, em vez de Deus, se torna o responsável absoluto pela existência do mal no mundo, radicalizando, por um lado, a teodicéia e, por outro, fazendo com que se criassem mecanismos de exoneração desse juízo permanente. Seria a partir desse jogo de forças e desse rearranjo que emergiu uma nova determinação de ser humano, amparada pela antropologia filosófica, pela estética e pela filosofia da história. O que se veria no processo de conformação desses campos seriam estratégias de possíveis escapes diante do juízo permanente ao qual o homem se submetia, já que ele encontrava aí pontos de fuga dados por noções filosófico-antropológicas e estéticas, tais como as da existência de um *homo naturalis e individualis* e um *homo sensibilis e genialis*, respectivamente. Já para a filosofia da história, o homem assumiria tanto o papel de agente como o de quem sofre a ação do processo. A história nesse momento passaria a ser percebida como “a fuga permanente desse ter consciência moral pelo fato de ser a consciência moral”, ocasionando-lhe tanto um excesso de julgamento quanto uma forma de inimputabilidade.<sup>1</sup>

Enfim, o que nos parece evidente por essas análises é que o século XVIII estaria se compondo como uma unidade produzida pela reconceituação das formas do homem perceber a si mesmo e o mundo. Isso se verificaria pela expansão da subjetividade, que em um sentido mais pleno havia transformado o grau de modernidade vivido pelo Ocidente por volta de 1800.

---

<sup>1</sup> “la historia es la fuga permanente de ese tener conciencia moral al hecho de ser la conciencia moral” (MARQUARD, 2000: 71)

Esse fenômeno parece encontrar na Inglaterra setecentista um maior acabamento, alcançando inclusive repercussão nos romances libertinos, como pode ser observado em *Fanny Hill*, de John Cleland, publicado em 1748. Nesse texto, se por um lado apresentam-se imagens eróticas à moda libertina tão comum à literatura do *Ancien Régime*, por outro, as personagens são perscrutadas em sua interioridade. Trata-se mesmo de perceber nas memórias de Fanny Hill um caráter sentimental, ainda que associado ao erotismo, já que o corpo e a mente não são “incompatíveis um com o outro” (CLELAND, 1997: 282).

Já Eugénie e Justine, respectivamente as heroínas de Sade em *A filosofia da alcova* (*La philosophie dans le boudoir*) e de *Os infortúnios da virtude* (*Les infortunes de la vertu*), nos são apresentadas numa superficialidade que delas retemos basicamente a imagem da juventude. Parece-nos relevante considerar que em ambos os livros não há um aprofundamento do universo interior das heroínas. Elas seriam contempladas pelo narrador num plano que basicamente as tomariam na encenação de um conjunto de ações. De Eugénie, sabemos de sua capacidade em aprender rapidamente as lições que lhe são ministradas na alcova, e de Justine, sua trajetória de sofrimentos e infortúnios, ocasionados por um destino que se lhe manifestou adverso em virtude de seu excesso de virtude.

Assim, parece-nos que a consideração de uma unidade no corpus literário erótico francês e inglês é equivocada, na medida em que não dá conta das especificidades dos debates estéticos que se travam em cada lado da Mancha. Segundo destaca FOLKIERSKI (1969: 10), os debates teóricos europeus do século XVIII divididos em dois campos: o dos ingleses, mais inovadores, e o dos franceses, mais defensores da tradição.

Na França, os debates postos no século XVIII relacionavam-se ao enfrentamento das discussões postas com Descartes (FOLKIERSKI, 1969: 38). Para o cartesianismo, a arte nem era incluída como parte de uma reflexão filosófica, embora Descartes se detivesse em esboçar uma reflexão sobre o pensamento em geral. Pode-se, com isso, segundo CASSIRER (1997: 308-328), aceitar a correlação de princípio entre as artes e as ciências, marcando-os pela submissão à idéia de leis universais de imitação à natureza. Os debates se detêm nesse ponto na França, mantendo-se nessa “tragédia domesticada” até que Rousseau e Diderot ataquem a convenção e irrompam com um novo *pathos* revolucionário, mais próximo da solução antropológica já que mais voltando para o humano.

Já na Inglaterra, as discussões se fizeram numa relação menos marcada pelos debates clássicos como postos na França, dirigindo-se mesmo a propostas que contemplavam aspectos mais sensíveis e subjetivos, tais como os apresentados por Shaftesbury e Burke (FOLKIERSKI, 1969: 102-105; CASSIRER, 1997: 359-362).

O que nos parece evidente é que as críticas normalmente feitas a Sade seriam improcedentes em relação a Cleland. Parece-nos que a cultura social inglesa permitiu o desenvolvimento da subjetividade num grau mais acentuado que o vivenciado pela França nesse período. Acreditamos que de certa maneira isso se relacione à ética protestante, que na cultura inglesa acentua a idéia de sujeito, tão necessária à relação com Deus (WEBER, 2004; HILL, 1991).

É justamente esse caráter inovador da cultura francesa iluminista que é realçado nas leituras de *A filosofia da alcova* e em outros textos de Sade, cabendo aí alguma discussão se não estaríamos como em Restif de la Bretonne, diante um intelectual participante e proponente de soluções próprias aos problemas circundantes. Restif é uma personagem importante na Revolução, embora sua centralidade se construa a partir da periferia. Seu papel contraditório na França revolucionária é visto tanto como um produto do movimento social, marcado por vai e vem, bem como pelo pertencimento de Restif a estratos sociais diversos. Nesse sentido, ele seria um espelho da multiplicidade revolucionária e se colocaria intelectualmente ligado a essas transformações, tanto como um narrador ou um jornalista do processo, como uma personagem, já que ele aprofunda sua percepção de identidade biográfica a partir dessas transformações (ROUANET, 1988).

Em *A filosofia da alcova* e outros textos de Sade, os analistas tendem a destacar, com freqüência, justamente os pontos dessa relação transformadora ou modernizante da sociedade francesa. Num sentido de reforçar os vínculos de Sade com a modernidade, tende-se também a enfatizar o uso de um conjunto de verbetes novos, mais apropriados à linguagem em transformação, o que estaria em consonância com a tese defendida por Koselleck. As referências implícitas de paródias, críticas e debates intertextuais em relação aos demais iluministas ganham destaque e tendem a ratificar os vínculos de Sade com as estruturas emergentes (LEFORT, 1990: 247-260; MORAES, 1994 e 2006; PHILLIPS, 2005; VASSORT, 2007: 28-29).

Contudo, parece-nos que a complexidade dos processos histórico-sociais não pode ser reduzida simplesmente a pontos de intertextualidades, como se eles mesmos determinassem a composição de um quadro ausente de pontos de fuga ou de contradição. Essas referências intertextuais nos textos de Sade apresentam-se mais como prova de sua cultura geral e de sua erudição do que como vínculos apriorísticos com as diretrizes e soluções gerais que compreendemos como próprias ao processo de crescente modernidade da sociedade francesa.

Com isso, não descartamos a necessidade da discussão dos pontos de aproximação e divergência entre Sade e um autor como Restif de la Bretonne — que se opunha radicalmente

5

a ele, muito embora fosse também considerado um escritor erótico —, e daí avançar numa reflexão sobre como esses intelectuais se colocam diante daquele cenário francês. O que nos parece evidente é que a presença de um léxico novo em Sade não é por si só prova de uma identidade que o vincule às forças sociais emergentes.

É nesse sentido que propomos uma aproximação de Sade a partir de suas *Anedotas, contos e fábulas (Historiettes, contes et fabliaux)*.<sup>2</sup> Trata-se aí de um livro não-publicado durante a vida de Sade, embora ele tenha se detido no projeto várias vezes, refazendo-o e preparando-o para edição. O livro compreenderia textos curtos escritos entre 1787 e 1788, enquanto Sade esteve preso na Bastilha. Entre 1803 e 1804, quando ele já estava confinado em Charenton, esses textos foram revisados e, embora não se tenha efetivado a publicação, eles ganharam uma forma que parece mais definitiva num projeto do autor de “compor duas obras: um *Boccaccio francês*, composto de doze novelas, e uma nova edição dos *Crimes do amor* aumentada a dois volumes ‘compostos de entrelaçamentos’.”<sup>3</sup> Os *Crimes do amor (Crimes de l’amour)* haviam sido publicados em 1800 e tinham sido escritos no mesmo período de estada na Bastilha. Ambos constituíam parte de um único livro, *le Portefeuille d’un homme de lettres*. Esse teria ainda como sucessão quatro volumes de *Contes et Fabliaux du XVIII<sup>e</sup> siècle par un trovador provençal*. Enfim, compondo-se inicialmente como parte de um projeto maior, Sade acabou delimitando seu objetivo (LE BRUN, PAUVERT *Ibid.* SADE: 1986, 09-18).

Esse projeto é interessante pela identidade a qual se filia o autor: o apelo ao retorno ficcional francês, dado pela imagem do trovador, ou mesma a referência à cultura italiana renascentista. O que nos parece a princípio característico é que o olhar de Sade se volta para o passado — a imagem do trovador provençal e posteriormente a de Boccaccio —, em detrimento de uma orientação que busca construir a identidade no futuro, como é o caso da escrita de Restif de la Bretonne. Restif vai militar na produção de uma nova sociedade, inclusive incorporando a idéia do gênero pornográfico e discutindo o sentido do corpo nessa chave (ROUANET, 1988: 11, 19-21, 42, 47, 53).<sup>4</sup> Além disso, sua escrita poderia ser

---

<sup>2</sup> Esclarecemos que nosso objetivo não é tomar esse livro como exemplar, e sim como porta de entrada para uma discussão a ser feita sobre o pensamento de Sade, operando outros textos, inclusive dando-lhes destaque e não apenas tendo-os como objeto de comparação.

<sup>3</sup> “[Sade retours à ses écrits ] en vue de remanier encore ses contes, nouvelles et fabliaux pour en composer deux ouvrages: un *Boccage français*, comportant douze nouvelles, et une nouvelle édition des *Crimes de l’amour* augmentée de deux volumes ‘composés des entrelacements’.” (LE BRUN, PAUVERT *Ibid.* SADE: 1986, 11)

<sup>4</sup> A ligação com a pornografia seria destacada por Rouanet tanto pela proposta apresentada em *Le pornographe* (1769) quanto pelo *Anti-Justine*, romance com o qual Restif apresenta sua divergência e repugnância em relação a Sade.

6

comparada ao que se praticaria no século XIX, numa relação direta com Balzac. Nesse caso, ela estaria constituída na construção de uma coerência e marcada por um espírito investigativo e documentário (SOUILLIER, 2004: 75-76).

Já em Sade, é possível observar que persistem “antigas fórmulas que regiam a novela”. Para SOULLIER (2004: 73-47), elas estariam postas num limite, em que o refúgio na ironia tanto denuncia o funcionamento do gênero como revela, por isso, seu esgotamento segundo o molde em que ele se mantinha no Antigo Regime.

E nesse sentido, concordamos com DE BEAUVOIR (1972: 16-17) na medida em que ela compreende Sade na chave dos privilegiados, vendo-o, assim como a outros aristocratas franceses do século XVIII, repleto de “nostalgia” pela perda do “despotismo feudal, solitário e soberano”. Contudo, se para a filósofa francesa, a escrita ficcional de Sade liga-se ao desejo de ressuscitar “simbolicamente no segredo das alcovas” esses privilégios e manter esse status, entendemos que ler Sade assim seria restringi-lo. Parece-nos que há uma extrapolação desses limites da fantasia e do desejo, já que sua escrita aplica-se também a uma proposta de intervenção política e social mais ampla, não se limitando, portanto, aos limites do ficcional, como ocorre em *A filosofia da alcova* e sua proposta político-filosófica “republicana”.

Assim, esperamos ter evidenciado nosso argumento de que a escrita de Sade se volta ao passado. Contudo, ainda permanece sem resposta uma possível relação com o humor de *Decamerão* e o deboche de Sade e nesse caso arriscamos algum caminho de análise. Conforme acreditamos, isso estaria relacionado à forma como nos relacionamos atualmente com o corpo, em muito aprofundou pelo apagamento histórico operado pela tradição oitocentista, que acentuou e deu acabamento a uma ética subjetiva e burguesa. O que agride a Restif de la Bretonne é, provavelmente, o mesmo que nos escandaliza na leitura de Sade: a dissecação e a morte que fragmenta o corpo do indivíduo, do sujeito (DE LA BRETONNE, 2005: 17).

Inicialmente pensado como sátira e distração obscena, o diálogo devasso gradualmente muda de função, assumindo historicamente o sentido de estímulo à excitação sexual do leitor WAGNER *Ibid.* CLELAND, 1997: 33). Nesse sentido, a literatura libertina parece-nos diferenciada em relação à proposta pornográfica, já que nesse caso existe um corpo individualizado, objeto de desejo e de excitação. Na libertinagem, falta estofamento aos sujeitos, já que almeja ao riso, ao deboche, à sátira e à crítica social. Parece-nos que aí estamos próximos ao caráter de exemplaridade dos heróis da novela moderna e não ao subjetivismo e interioridade das personagens do romance oitocentista (SOUILLIER, 2004: 77-82).

7

É a partir dessa relação do corpo em um sentido mais exemplar e menos subjetivo que nos aproximamos finalmente do conflito de matrizes literárias posto na França durante o Renascimento. Mesmo que ainda não sejamos capazes de responder à relação entre a idéia do trovador provençal e o Boccaccio francês, buscamos marcar nossa hipótese de leitura por uma aproximação cultural. Durante o século XVI se consolida progressivamente um distanciamento e uma oposição entre os textos orientados por uma concepção mais subjetiva e racionalista, como posta em Montaigne (posteriormente desenvolvida na filosofia cartesiana e no teatro de Corneille), e aqueles relacionados ao universo mais livre, imaginativo e sensível cujos parâmetros seriam dados pela obra de Rabelais (BAKHTIN, 1999: 19-32 e 51-123; ESCARPIT, 1948: 26-58). Acreditamos que os modelos literários a partir do qual Sade operaria estariam ligados a gêneros literários menores, mais distantes da tendência geral que vinha se impondo à sociedade ocidental desde os séculos XIII e XIV, quando uma cultura mais subjetiva foi se afirmando gradualmente. Esses gêneros, embora não se pusessem às margens da concepção literária clássica, concebida principalmente pela observância às regras postas por Aristóteles na *Poética*, teriam a liberdade dada aos gêneros menores e cômicos, tendendo, por isso, a se constituir depositários desses “discursos subversivos”. Eles manteriam de certa forma uma percepção cômica e cósmica de ver o mundo, evidenciada em Rabelais e que, como defende Bakhtin, não se extingue e nem se esgota com ele na cultura francesa; percebida por ROBERT (1989: 01-33) nos textos paródicos e licenciosos franceses do século XVIII; e que supomos interfere na percepção orientadora de Sade em sua proposta ficcional.

Obras de Sade consultadas:

SADE, D. A. F. Marquis de. *Voyage d'Italie*. Edition établie et présentée para Maurice Lever. Paris : Fayard, 1995.

SADE, Marquis de. *La philosophie dans le boudoir* ou les instituteurs immoraux. Paris : Gallimard, 2001.

SADE. *Historiettes, contes et fabliaux*, Projets et plants. in *Oeuvres complètes du Marquis de Sade*. Tome 12. Paris : Pauvert, 1986.

SADE. *Dialogue entre un prêtre et un moribond*. in *Oeuvres*. Tome 1. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1990.

SADE. *Les infortunes de la vertu*. in *Oeuvres*. Tome 2. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1995.

### Referência bibliográfica:

BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, Brasília: Hucitec, Editora da Universidade de Brasília, 1999.

CASSIRER, Ernst. *Filosofia de la Ilustración*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

CLELAND, John. *Fanny Hill* ou memórias de uma mulher de prazer. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

DE BEAUVOIR, Simone. *Faut-il brûler Sade ?* Paris : Gallimard, 1972.

DE LA BRETONNE, Restif. *Anti-Justine*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

ESCARPIT, Robert. *Historia de la literatura francesa*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1948.

FOLKIERSKI, Wladyslaw. *Entre le classicisme et le romantisme : étude sur l'esthétique et les esthéticiens du XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris : Librairie Honoré Champion, 1969.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

LEFORT, Claude. Sade: o desejo de saber e o desejo de corromper (247-260). in NOVAES, Adauto (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, FUNARTE, 1990.

MARQUARD, Odo. *Adiós a los principios: estudios filosóficos*. Valência: Alfonso El Magnànim, 2000.

MORAES, Eliane Robert. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MORAES, Eliane Robert. *Sade: a felicidade libertina*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

PHILLIPS, John. *The Marquis de Sade: a very short introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

ROBERT, Raymond (compilador). *Contos paródicos e licenciosos do século XVII*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



9

ROUANET, Sérgio Paulo. *O espectador noturno: a Revolução Francesa através de Rétif de la Bretonne*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUILLIER, Didier. *La nouvelle en Europe: de Boccace à Sade*. Paris : PUF, 2004.

VASSORT, Patrick. Sade e o espírito do capitalismo. *Le monde diplomatique Brasil*, ano 01, n. 01, p.28-29, ago. 2007.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.